



O Dirigente de Reuniões Mediúnicas

DEPARTAMENTO DE ORIENTAÇÃO MEDIÚNICA
UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA

O Dirigente de Reuniões Mediúnicas

Belo Horizonte
2005

© 2005 - UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA

REDAÇÃO DE TEXTO: DEPARTAMENTO DE ORIENTAÇÃO MEDIÚNICA - UEM

EDITORAÇÃO DE TEXTO: Antelene Bastos

CAPA: Eliana Bedeschi

Projeto gráfico da capa: Departamento de Comunicação Social Espírita – UEM

REVISÃO DE PROVAS: Antelene Bastos e Daniela Arreguy

UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA

Rua Guarani, 315 – Caixa Postal 61

30120-040 Belo Horizonte – MG

Tel: (031) 3201-3038

uemmg@uemmg.org.br

(Permitida a reprodução, desde que o texto não seja alterado)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO -----	3
1 INTRODUÇÃO -----	4
2 REUNIÕES MEDIÚNICAS -----	5
2.1 Conceito e finalidade -----	6
2.2 Formação do grupo mediúnico -----	7
2.3 Requisitos essenciais dos componentes -----	8
2.4 Tipos de reuniões mediúnicas -----	9
2.5 Preparação para o trabalho -----	10
3 DIRIGENTE DE REUNIÕES MEDIÚNICAS -----	13
3.1 Conceito -----	13
3.2 Formação do dirigente -----	14
3.2.1 Liderança -----	14
3.2.2 Escolha do dirigente -----	15
3.3 Critérios para a direção espírita -----	17
3.4 Formação moral -----	19
3.5 Atribuições e responsabilidades -----	20
3.6 Afastamento ou ausência do dirigente -----	21
4 EVANGELHO E MEDIUNIDADE -----	21
5 CONCLUSÃO -----	24
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	25

APRESENTAÇÃO

Eis que o semeador saiu a semear. (Mateus, 13:3).

(...) o servidor do Evangelho é compelido a sair de si próprio, a fim de beneficiar corações alheios.

É necessário desintegrar o velho cárcere do 'ponto de vista' para nos devotarmos ao serviço do próximo. (Emmanuel, *Fonte viva*, cap. 64).

Incentivados pelo pensamento do Cristo, temo-nos dedicado à semeadura dos ensinamentos espíritas, sobretudo no que tange à mediunidade com Jesus. Côncios da responsabilidade que envolve as atividades mediúnicas, refletimos, naturalmente, na condição daquele que assume a direção delas, o que nos faz pensar, figuradamente, que só se concede a direção de um automóvel àquele que está habilitado para tal. Por isso, sentimos necessidade em discorrer sobre o tema "O Dirigente de Reuniões Mediúnicas", de modo a possibilitar algumas reflexões e esclarecimentos a fim de que saibamos exatamente para onde nos dirigimos; ou seja, se os recursos empreendidos legitimam a caridade cristã e se o trabalho está edificado nas bases sólidas da lógica e do bom senso.

É importante lembrar que este material foi apresentado no COFEMG - Conselho Federativo de Minas Gerais -, realizado em novembro de 2004. Foi avaliado pelos representantes de cada Conselho Regional Espírita, cujas contribuições foram valiosas, além de outras que nos foram enviadas posteriormente.

Certos do amparo espiritual na organização das idéias, nosso desejo é encontrar, nos (as) companheiros (as), aquela disposição necessária, relativa ao deixar liberta a terra íntima dos espinheiros da indiferença e dos pedregais do orgulho, a fim de que esta semente seja acolhida pela boa terra do discernimento e da fidelidade, capaz de gerar frutos profícuos e de proporcionar uma caminhada mais segura e feliz.

Departamento de Orientação
Mediúnica da União Espírita Mineira

1 INTRODUÇÃO

E percorria Jesus toda a Galiléia, ensinando nas suas sinagogas e pregando o Evangelho do reino, e curando todas as enfermidades e moléstias entre o povo. (Mateus, 4:23).

Em todas as épocas da humanidade é certa a posição do homem ora como “dirigente”, ora como “dirigido”. A formação de grupos em torno de uma atividade surge em todos os departamentos da vida, em princípio, obedecendo a um impulso natural de satisfação das necessidades materiais básicas, para depois se revelar como condição aferidora dos valores espirituais que definem nossa evolução. É interessante notar, na trajetória humana, as variadas manifestações de liderança e direção: aqui surgem os condutores da revolução e da guerra, acolá os incentivadores da paz e da compreensão, adiante os missionários do bem em luta permanente pela transformação do mal. Em todos eles percebemos a elevada capacidade de conduzir, mas, o que os diferencia é a base sobre a qual se apóiam, demonstrando o sentimento que vibra na intimidade de cada um.

Conceituar, apresentar o critério na direção espírita, demonstrar os deveres morais, atribuições e responsabilidades dos dirigentes de reuniões mediúnicas são alguns dos aspectos abordados neste trabalho, elaborado com sincero desejo de colaborar na capacitação do trabalhador espírita. Além disso, abordamos as funções diferenciadas como a do dirigente e a do doutrinador/dialogador, as quais podem aparecer conjugadas, quando o dirigente tem para si, além do encargo da direção, o diálogo com os Espíritos.

De qualquer modo, seja conduzindo e/ou dialogando, a recomendação será sempre a mesma, trazida por Jesus, no Evangelho de Marcos, capítulo 10, versículos 43 e 44: “Mas entre vós não será assim; antes, qualquer que entre vós quiser ser grande, será vosso serviçal: E qualquer que dentre vós quiser ser o primeiro, será servo de todos”.

2 REUNIÕES MEDIÚNICAS

Então disse aos seus discípulos: A seara é realmente grande, mas poucos os ceifeiros. Rogai pois ao Senhor da seara que mande ceifeiros para a sua seara. (Mateus, 9: 37 e 38).

Antes de abordarmos o tema central deste trabalho, “O Dirigente de Reuniões Mediúnicas”, precisamos traçar alguns conceitos preliminares, a fim de obtermos êxito na elaboração das idéias. De acordo com Allan Kardec:

As reuniões espíritas oferecem grandíssimas vantagens, por permitirem que os que nelas tomam parte se esclareçam, mediante a permuta das idéias, pelas questões e observações que se façam, das quais todos aproveitam. Mas, para que produzam todos os frutos desejáveis, requerem condições especiais, (...), porquanto erraria quem as comparasse às reuniões ordinárias.¹

Não entraremos aqui na classificação das reuniões espíritas, abordadas por Allan Kardec em *O Livro dos Médiuns* - no capítulo XXIX, da segunda parte - para não estendermos muito este assunto, por serem objetivo deste trabalho as considerações acerca do dirigente de reuniões mediúnicas. Mas será útil anotarmos que as reuniões podem ser “frívolas”, “experimentais” ou “instrutivas”, segundo o gênero e a finalidade a que se propõem. Além disso, encontraremos no capítulo III, da primeira parte de *O Livro dos Médiuns*, a distinção feita por Kardec, ao observar entre os que já se convenceram do Espiritismo, “os espíritas experimentadores”, “os espíritas imperfeitos”, “os espíritas cristãos” e “os espíritas exaltados”.

É indiscutível que estamos tratando aqui das reuniões instrutivas e sérias, cujo propósito não é a invocação de bons Espíritos, pois sabemos que isto não basta para atraí-los, mas, sim, a qualificação dos grupos a que nos ligamos, conforme a seguinte elucidação:

Os Espíritos são atraídos na razão da simpatia que lhes inspire a natureza moral do meio que os evoca. Os Espíritos superiores se comprazem nas reuniões sérias, onde predominam o amor do bem e o desejo sincero, por parte dos que as compõem, de se instruírem e se melhorarem. A presença deles afasta os Espíritos inferiores que, inversamente, encontram livre acesso e podem obrar com toda liberdade entre pessoas frívolas ou impelidas unicamente pela curiosidade e onde quer que existam maus instintos. Longe de se obterem bons conselhos, ou informações úteis, deles só se devem esperar futilidades, mentiras, gracejos de mau gosto, ou mistificações, pois que muitas vezes tomam nomes venerados, a fim de melhor induzirem ao erro.²

Dessa forma, entendemos que “natural é, entre os que se ocupam com o Espiritismo, o desejo de poderem pôr-se em comunicação com os Espíritos”.³ Porém, para isso, é preciso pensar a que classe de espíritas pertencemos, se é a dos experimentadores ou exaltados, ou se já nos ligamos aos grupos mediúnicos na condição do espírita-cristão: aquele que não se contenta em admirar a moral espírita mas se esforça por praticá-la.

¹ KARDEC. *O Livro dos Médiuns*, cap. XXIX, Item 324.

² *Idem*. *O Livro dos Espíritos*, p. 26.

³ *Idem*. *O Livro dos Médiuns*, introdução.

2.1 Conceito e finalidade

Uma reunião "é um ser coletivo, cujas qualidades e propriedades são a resultante das de seus membros e formam como que um feixe".⁴ No livro *Nos Bastidores da Obsessão*, Manoel Philomeno de Miranda, em conformidade com o pensamento de Allan Kardec, afirma que:

As reuniões espíritas são compromissos graves assumidos perante a consciência de cada um, regulamentadas pelo esforço, pontualidade, sacrifício e perseverança dos seus membros.

Somente aqueles que sabem perseverar, sem postergarem o trabalho de edificação interior, se fazem credores da assistência dos Espíritos interessados na sementeira da esperança e da felicidade na Terra.⁵

Nesse sentido, é imprescindível reconhecer que as reuniões mediúnicas são atividades em que se verifica a prática da mediunidade, devendo tal prática, de acordo com Emmanuel, pugnar pelo Espiritismo com Jesus, a fim de converterem para nós o intercâmbio em fator de espiritualidade santificante, pois, "não falta quem veja no Espiritismo mero campo de experimentação fenomênica, sem qualquer significação de ordem moral para as criaturas".⁶

O Centro Espírita é um hospital que recebe todos os irmãos necessitados, oferecendo-lhes oportunidade de refazimento espiritual e físico. Neste contexto, as reuniões mediúnicas funcionam como um pronto socorro, beneficiando os espíritos, encarnados e desencarnados, de acordo com as características e as finalidades a que se propõem. E, como num pronto-atendimento hospitalar, que se realiza em local e ocasião específicos, é feito o atendimento dos espíritos desencarnados nesse ambiente devidamente preparado pela Espiritualidade Maior, que conta com a colaboração e as vibrações de amor dos encarnados.

André Luiz, ao perguntar sobre o porquê da doutrinação de espíritos desencarnados, em ambiente dos encarnados, obtém do instrutor Alexandre a seguinte resposta:

"(...) valemo-nos do concurso de médiuns e doutrinadores humanos, não só para facilitar a solução desejada, senão também para proporcionar ensinamentos vivos aos companheiros envolvidos na carne, despertando-lhes o coração para a espiritualidade.

(...)

– Ajudando as entidades em desequilíbrio, ajudarão a si mesmos; doutrinando, acabarão, igualmente doutrinados.⁷

O instrutor Alexandre esclarece, assim sendo, que a colaboração dos encarnados torna-se recurso de influência mais intensa e útil, a fim de facilitar a solução necessária. Por acréscimo da misericórdia, o Pai nos permite sejamos favorecidos pelos ensinamentos, ao mesmo tempo em que, levando socorro aos companheiros em sofrimento, sejamos também socorridos. O recurso é válido não somente para o médium que serve de instrumento para o Espírito comunicante, como também para o doutrinador que, ao levar palavras carregadas de amor ao próximo, é também beneficiado.

⁴ KARDEC. *O Livro dos Médiuns*, cap., item 331.

⁵ MIRANDA. *Nos Bastidores da Obsessão*, p. 45.

⁶ EMMANUEL. *Pão Nosso*, p. 11.

⁷ ANDRÉ LUIZ. *Missionários da Luz*, p. 280.

Podemos verificar, então, que o intercâmbio espiritual nos permite:

- adquirir informações sobre a vida espiritual;
- fortalecer a fé;
- esclarecer encarnados e desencarnados;
- receber o amparo dos benfeitores espirituais;
- consolidar amizades entre encarnados e desencarnados através da cooperação mútua;
- manter contato com os seres queridos, já desencarnados;
- cooperar no preparo para a reencarnação e a desencarnação e
- obter ensinamentos que auxiliam a renovação das criaturas.

Nesse sentido, podemos depreender que a finalidade das reuniões mediúnicas vai ao encontro do sentido da palavra “ajuntar”, empregada por Paulo em sua epístola aos Coríntios. No capítulo 14, versículo 26, da epístola citada, o apóstolo nos recomenda que, ao “nos ajuntarmos”, que “façamos tudo”, tendo em vista a idéia de edificação; lembrando-nos que “cada um (...) tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação”. Ao nos ajuntarmos, ou seja, ao nos reunirmos, que façamos “tudo para edificação”. Imbuídos, então, desse propósito de edificar, sejamos nós instrumentos do auxílio para as entidades em desequilíbrio, ajudando a nós mesmos; e, doutrinando, sendo, igualmente, doutrinados.

2.2 Formação do grupo mediúnico

A respeito da formação do grupo mediúnico, Suely C. Schubert analisa que a ligação de uma pessoa a um trabalho dessa natureza, não é decorrente de obra do acaso e sim expressa um compromisso assumido no Plano Espiritual. Esse compromisso representa para nós encarnados, “se desempenhado com toda abnegação, perseverança e amor, o ressarcimento de dívidas pesadas e, simultaneamente, a sementeira de bênçãos que prepararemos para o amanhã que não tarda.”⁸

No livro *Diálogo com as Sombras*⁹, ao falar sobre a formação do grupo, Hemínio C. Miranda relata a importância de se fazer uma seleção das pessoas antes de se decidir que tipo de trabalho será executado. Antes recusar, logo de princípio, um participante sobre o qual tenhamos algumas dúvidas mais sérias, para não sermos constrangidos, depois, a dizer-lhe que, infelizmente, será necessário que ele deixe o grupo por não ter conseguido adaptar-se às condições exigidas pelo trabalho.

Além disso, não é aconselhável encaminhar, para as reuniões mediúnicas, médiuns com problemas obsessivos, distúrbios emocionais e psíquicos graves e criaturas fisicamente debilitadas em função de enfermidades. Esse aspecto foi examinado pela médium Yvonne A. Pereira, quando nos adverte:

É sabido, pois, que nem sempre convém ao médium e ao próprio critério da Doutrina Espírita desenvolver uma faculdade mediúnica que aflora pelos canais da obsessão sem um tratamento prévio do médium, tratamento que será moral, mental e físico, a par da preparação pelo estudo e pela meditação.¹⁰

⁸ SCHUBERT. *Obsessão / Desobsessão*, p. 135.

⁹ MIRANDA. *Diálogo com as Sombras*, p.27.

¹⁰ PEREIRA. *Recordações da Mediunidade*, p. 192.

Outro aspecto mencionado por Hermínio Miranda é a seleção do coordenador, líder ou dirigente, que deve ser alguém que, além de possuir autoridade moral, saiba conduzir o grupo de forma harmônica. Portanto, “não basta juntar alguns amigos e familiares, apagar a luz e aguardar as manifestações. (...) Esta tarefa é extremamente delicada e crítica, pois dela vai depender, em grande parte, o êxito ou o fracasso do grupo.”¹¹

É importante que seja formado um grupo mediúnico sério, cuja organização esteja embasada em padrões kardequianos, de modo que haja, assim, a sustentação adequada para a realização do trabalho de desobsessão. É válida, nesse caso, a recomendação de Suely C. Schubert, ao afirmar o seguinte:

Uma pessoa, sem vínculo algum com uma instituição espírita e que não participe de trabalhos organizados, metódicos, sob diretriz Kardequiana, correrá sérios riscos se se dispuser a trabalhar por conta própria. Por maior que seja a proteção espiritual que mereça, por melhor boa-vontade que demonstre, não estará, é evidente, suficientemente embasada, estruturada para enfrentar aquelas outras equipes: as dos obsessores, que as formam também no intuito de se fortalecer e que usam de mil artifícios e sutilezas para desanimar, enganar e afugentar os que vêm em socorro às suas vítimas – quando não lançam mão de outras providências mais graves e danosas.¹²

Nesse sentido, esclarece-nos Suely C. Schubert que, havendo harmonia no grupo de encarnados, ocorre um crescimento de produtividade da reunião; pois o trabalho realizado pelas duas equipes está em consonância com os padrões kardequianos, sendo “a programação (...) executada de comum acordo, sabendo o Plano Espiritual que os companheiros encarnados irão corresponder às expectativas e que se afinizarão de pronto com o labor previamente estipulado.”¹³

2.3 Requisitos essenciais dos componentes

Tendo consciência das responsabilidades assumidas na formação de um grupo mediúnico, é preciso considerar certas qualidades desejáveis dos participantes da equipe, adquiridas por meio do estudo e da vivência evangélico-doutrinária, para que não haja dissensões e desarmonia; e, conseqüentemente, não ocorra o acesso, neste meio, do plano inferior. Caso exista qualquer dissonância entre os componentes encarnados, não só pode ser prejudicado o bom andamento do trabalho, como também pode ficar comprometida a assistência aos desencarnados.

É importante lembrar que os nossos irmãos desencarnados menos felizes aproveitam o contexto de dissensões para desestruturar o ambiente e mesmo o grupo. Nesse sentido:

É melhor que um grupo com dissensões internas encerre suas atividades, pelo menos por algum tempo, até que se afastem os elementos dissonantes. Não se admite, num grupo responsável e empenhado em trabalho sério, qualquer desarmonia interna, com disputa pelos diversos postos: dirigente, médium principal e outras infantilidades. (...) Por ora, basta dizer, e nunca o diremos com ênfase bastante que deve predominar entre os encarnados um clima de liberdade consciente, franqueza sem agressividade, lealdade sem submissão,

¹¹ MIRANDA. *Diálogo com as Sombras*, p. 28.

¹² SCHUBERT, *Obsessão / Desobsessão*, p. 134.

¹³ *Ibidem*, p. 136 e 137.

autoridade sem prepotência, afeição sem preferências, perfeita unidade de propósitos.¹⁴

Diante de tais situações, cada grupo encontrará a maneira mais adequada de administrar as dissensões internas e os problemas entre os integrantes da equipe. Temos percebido que, para esses casos, a suspensão temporária da prática mediúnica e o investimento no estudo evangélico-doutrinário possibilitam a restauração do equilíbrio e da harmonia da equipe, que encontrará o momento adequado de retomar a prática mediúnica.

Com base no item 341 de *O Livro dos Médiuns*, Suely C. Schubert resumiu os aspectos relacionados por Kardec, no que diz respeito “a granjear a simpatia dos bons Espíritos a só obter boas comunicações, afastando as más”. Seja qual for o tipo de reunião mediúnica, o importante é que a equipe procure adotar os seguintes princípios:

- perfeita comunhão de vistas e sentimentos
- cordialidade recíproca entre os membros;
- ausência de todo sentimento contrário à verdadeira caridade cristã;
- um único desejo: o de instrução e o de melhoria;
- exclusão de toda curiosidade;
- recolhimento e silêncio respeitosos, durante as confabulações com os Espíritos;
- união de pensamentos;
- trabalho do médium com isenção de todo o sentimento de orgulho, amor-próprio e supremacia; e mantendo-se sim o desejo de ser útil.¹⁵

No livro *Memórias de um Suicida*, Yvonne A. Pereira apresenta uma reunião mediúnica como exemplo de uma equipe em comunhão de propósitos e valores. Por meio do relato, foi mostrada a postura do presidente da Casa. Ao fazer uma “tocada e substanciosa prece”, o dirigente predispôs os corações ao enternecimento e a fervoroso recolhimento. No desenrolar da reunião, organizavam-se duas correntes magnéticas: uma produzida pela vibração dos encarnados e uma outra, por “entidades translúcidas e formosas”, “assim estabelecendo as correntes invencíveis, virtuosas e cândidas para aquela noite, correntes que são o traço de união entre a presença do Mestre Divino e a reunião espírita terrena séria, bem dirigida.”¹⁶

2.4 Tipos de reuniões mediúnicas

De acordo com a apostila *Mediunidade – nº 6 da Série Evangelho e Espiritismo*, da União Espírita Mineira - temos, basicamente, seis tipos de reuniões mediúnicas São elas:

- 1) Reunião de Experimentação de Sensibilidade: destina-se especificamente àqueles que, julgando-se portadores de sensibilidade mediúnica, procuram na Doutrina Espírita uma solução cristã para as dificuldades com as quais se deparam;
- 2) Reunião de Educação Mediúnica: objetiva preparar e educar os médiuns para o exercício equilibrado de suas faculdades medianímicas, embasando tal exercício no direcionamento evangélico e com a segurança que a Doutrina Espírita proporciona;

¹⁴ MIRANDA. *Diálogo com as Sombras*, p. 56.

¹⁵ Cf. SCHUBERT. *Obsessão / Desobsessão* cap. 4, terceira parte.

¹⁶ PEREIRA. *Memórias de um Suicida*, p. 149 a 156.

- 3) Reunião Mista de Estudo e Prática Mediúnica: é conhecida como reunião prática, visando aos estudos evangélico-doutrinários e à prática mediúnica;
- 4) Reunião de Desobsessão: visa a assistir os encarnados e desencarnados através do auxílio evangélico às entidades vinculadas a processos obsessivos individuais ou coletivos;
- 5) Reunião de Auxílio aos enfermos: tem por finalidade cooperar com os irmãos enfermos, através de tratamento espiritual que será dispensado pela própria espiritualidade. Mesmo apresentando caráter privativo, pode contar com a presença daqueles irmãos a serem assistidos, desde que o local ofereça acomodações adequadas. É necessário ressaltar que nessas reuniões não devem ser tratados os casos de obsessão.
- 6) Reunião de Orientação: objetiva orientar as criaturas a respeito de problemas cuja complexidade ultrapasse o campo de intervenção do integrante do Grupo. O integrante recorrerá, assim, a uma orientação espiritual em favor da pessoa carente.¹⁷

2.5 Preparação para o trabalho

As assembléias eram dominadas por ascendentes profundos de amor espiritual. A solidariedade estabelecera-se com fundamentos divinos. (...) A união de pensamentos em torno de um só objetivo dava ensejo a formosas manifestações de espiritualidade. Em noites determinadas havia fenômenos de “vozes diretas”. A instituição de Antioquia foi um dos raros centros apostólicos onde semelhantes manifestações chegaram a atingir culminância indefinível. A fraternidade reinante justificava essa concessão do céu.¹⁸

Analisando a anotação de Emmanuel ao se referir à Igreja de Antioquia, fundada nos tempos apostólicos, podemos depreender que todo trabalho do bem recebe o incentivo dos Espíritos Superiores, desde que as mínimas condições se estabeleçam. As manifestações chegaram a atingir a culminância indefinível, em virtude da fraternidade reinante e do estabelecimento da solidariedade com fundamentos divinos, a justificarem a “concessão do céu”, ensejando “formosas manifestações de espiritualidade”.

Para que ocorra a adesão dos benfeitores espirituais no desempenho das tarefas mediúnicas, necessário se faz que busquemos um ambiente harmonioso sustentado pela prece, a fim de possibilitar um clima propício, que justifique “a concessão do céu”. Nesse sentido, destacamos do livro *Desobsessão*¹⁹ e da apostila *Mediunidade*²⁰, publicada pela União Espírita Mineira, as seguintes recomendações com relação ao preparo para a reunião, tendo em vista a perspectiva física, espiritual e pessoal.

Sob o ponto de vista físico, é relevante destacar os seguintes aspectos:

- local adequado e reservado;
- sala despida de quaisquer ornamentos e objetos estranhos à reunião;
- obras da Codificação e subsidiárias de caráter evangélico-doutrinário;
- limpeza e simplicidade;

¹⁷As considerações aqui trazidas foram extraídas da apostila publicada pela UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA. Cabe-nos também mencionar que o mesmo tema também foi abordado no trabalho divulgado pela FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL. Orientação ao Centro Espírita/1980. 2ª EDIÇÃO. 1985. Rio de Janeiro.

¹⁸EMMANUEL. *Paulo e Estevão*, p. 317.

¹⁹ANDRÉ LUIZ. *Desobsessão*, p. 51 a 67.

²⁰UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA. *Mediunidade*, Série Evangelho e Espiritismo, v. 6, p. 17 a 21.

- mesa, cadeiras ou bancos para acomodação;
- evitar o recinto às escuras.
- abolir o uso de velas, defumadores, vestimentas especiais ou quaisquer objetos e apetrechos que recordem rituais e amuletos, símbolos e ídolos de qualquer espécie.

Sob o ponto de vista espiritual, requerem-se os seguintes procedimentos:

- silêncio (nada de vozerio, tumulto, gritos, gargalhadas tanto ao chegar ao recinto, quanto ao terminar o trabalho);
- dirigente prático instruído doutrinariamente;
- pontualidade na abertura e fechamento dos trabalhos;
- assiduidade;
- preces curtas;
- leituras preparatórias;
- médiuns educados;
- conversação edificante no ambiente para os que chegarem mais cedo e ao término da reunião;
- ao se dirigir à casa espírita para a reunião, evitar a dispersão de forças em visitas, mesmo rápidas, mas impróprias, a locais vizinhos, sejam casas particulares ou restaurantes públicos.
- manter discricção, evitando-se o comentário acerca dos acontecimentos verificados durante a reunião, em respeito às entidades atendidas.

No desenrolar de uma reunião mediúnica, é aconselhável que nos mantenhamos com propósitos dignos e cristãos. Nesse sentido, o livro *Memórias de um Suicida* assinala que é “dever do cristão honesto e sério, calar paixões e desejos impuros”. Quando estiver no local de trabalho “onde se consagrará o sublime mistério da confraternização entre mortos e vivos”, deve o cristão escudar-se na boa-vontade para dominar tais paixões e desejos reeducando-se diariamente”.²¹

Como sabemos, toda plantação requer uma colheita. Para tanto, recomendamos Yvonne Pereira, que é necessário não só termos precauções com as mais dignas atitudes, chamando os pensamentos mais sadios, como também esquecermos mágoas, preocupações subalternas elevando bem alto o padrão dos sentimentos caridosos no intento de beneficiação ao próximo.²² Caso nos esqueçamos desse procedimento, nossas ações serão vazias, levianas, não se inserindo nos padrões cristãos. Assim, cumularemos, de acordo com Yvonne Pereira, responsabilidades gravíssimas, as quais pesarão amargamente na consciência, em dias futuros.²³

Sob o ponto de vista pessoal, é necessário ressaltar “o serviço de harmonização preparatória”, segundo a orientação de André Luiz. O autor espiritual recomenda quinze minutos de prece, quando não sejam de palestra ou leitura com elevadas bases morais. Tal prática é justificada, pois os participantes do grupo mediúnico não devem “abordar o mundo espiritual sem a atitude nobre e digna que lhes outorgará a possibilidade de atrair companhias edificantes”. Por esse motivo, eles não devem comparecer “sem trazer ao campo que lhes é invisível as sementes do melhor que possuem.”²⁴

²¹ PEREIRA. *Memórias de um Suicida*, p. 145.

²² *Ibidem*, p. 145-146

²³ *Ibidem*, p. 145-146.

²⁴ ANDRÉ LUIZ. *Nos Domínios da Mediunidade*, p. 25.

Em se tratando das “sementes do melhor que possuímos”, são apresentadas quais sejam:

- moralidade;
- estudo e trabalho;
- dedicação ao bem;
- vigilância quanto às companhias;
- conversações edificantes;
- oração e vigilância;
- evitar rugas e discussões;
- alimentação leve e moderada;
- abster-se do uso de álcool, fumo, carne, café, condimentos;
- meditação;
- superação de impedimentos;
- disposição física e mental.

Gostaríamos de enfatizar também a importância do estudo, da meditação e do preparo do ambiente para o desenvolvimento de uma reunião mediúnica. Yvonne Pereira exemplifica tal importância, ao examinar a condição de um varão idoso, absorvido na leitura de um manual de filosofia transcendental, o que o empolgava, pois, de fato, estava concentrado nos pensamentos que ia captando das páginas sábias. Essa concentração possibilitava a irradiação de sua frente de

fagulhas luminosas que muito o recomendavam no conceito do Invisível. Tudo indicava compreender ele a responsabilidade dos trabalhos daquela noite, que sobre seus ombros também pesavam, e, por isso, preparava-se a tempo, estabelecendo correntes harmoniosas entre si próprio e seus diletos amigos espirituais. Era o diretor terreno da casa.²⁵

As qualidades apresentadas até o momento, necessárias ao tarefeiro da mediunidade, representam a meta que deverá ser alcançada por todos nós. Entretanto, sabemos que são muitas as dificuldades morais que nos envolvem, dificultando, ainda, uma caminhada sem tropeços e quedas. Sendo assim, é necessário recordar a orientação evangélica para não desistirmos de trabalhar pela nossa melhoria espiritual, pois “reconhece-se o verdadeiro espírito pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más”.²⁶ O apóstolo Paulo, no versículo 9 do capítulo 6 de sua epístola aos Gálatas - já apontava a atitude de não desanimarmos de fazer o bem, “porque, a seu tempo ceifaremos, se não houvermos desfalecido”. Ao interpretar essa passagem, Emmanuel esclarece que:

A perseverança é a base da vitória.
Não olvides que ceifarás, mais tarde, em tua lavoura de amor e luz, mas só alcançarás a divina colheita se caminhares para diante, entre o suor e a confiança, sem nunca desfaleceres.²⁷

²⁵ PEREIRA. *Memórias de um Suicida*, p. 148.

²⁶ KARDEC. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. XVII, item 4.

²⁷ Cf. EMMANUEL. *Fonte Viva*, cap. 124.

3 DIRIGENTE DE REUNIÕES MEDIÚNICAS

Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarรก em trevas, mas terรก a luz da vida. (Joรกo, 8:12)

3.1 Conceito

Segundo o dicionรกrio Aurรกlio, dirigente “э aquele que dirige, э o guia e mentor”. Antes, porэм, de conceituarmos o dirigente de Reuniões Mediúnicas, é importante fazermos um esclarecimento a respeito dos termos dirigente e doutrinador²⁸, comumente usados na linguagem espírita, na área da mediunidade e que, muitas vezes, nos têm causado uma certa dúvida.

Quando encontramos essas palavras na literatura espírita, perguntamos: estamos falando da mesma pessoa? Quando o autor trata dessas funções, elas são equivalentes e cumprem os mesmos objetivos? Para melhor entendimento do assunto, vejamos o que examinam alguns autores espíritas sobre esses termos, deixando de lado qualquer idéia pré-concebida, favorecendo, dessa forma, uma análise a título de aprendizado.

Em *Diálogo com as Sombras*, Hermínio C. Miranda afirma que “o dirigente do grupo não é o que se senta à cabeceira da mesa e dá instruções – ele é apenas um companheiro, um coordenador, um auxiliar, em suma, dos verdadeiros responsáveis pela tarefa global, que se acham no mundo espiritual”.²⁹ Nessa obra, ao se referir à pessoa que dialogará com o desencarnado e o esclarecerá, o autor observa: “Se o dirigente encarnado dos trabalhos está bem familiarizado com as obras fundamentais do Espiritismo, ele encontrará sempre o que dizer ao manifestante, ainda que não esteja no mesmo nível intelectual dele”.³⁰ Por outro lado, no capítulo “O Doutrinador”, Miranda define: “Num grupo mediúnic, chama-se doutrinador, a pessoa que se incumbem de dialogar com os companheiros desencarnados necessitados de ajuda e esclarecimento”.³¹

Suely Caldas Schubert conceitua o dirigente da reunião como alguém “que preside os trabalhos, encaminhando todo o seu desenrolar. É o responsável, no plano terrestre, pela reunião.”³² Ao se referir ao doutrinador, a autora o define como aquele que esclarece, que clareia o raciocínio do desencarnado.

Analisando os conceitos apresentados por esses autores, poderemos ter, ainda, a dúvida a respeito das figuras “dirigente” e “doutrinador”, mas uma reflexão cuidadosa nos fará compreender a questão. De acordo com a análise dos referidos autores, podemos inferir que a pessoa que está à frente de um grupo mediúnic, que dirige ou preside os trabalhos no plano terrestre é chamado de dirigente. Enquanto o que se dirige aos irmãos desencarnados esclarecendo, dialogando ou doutrinando sem impor, embasado nos conhecimentos espíritas que tenha, é o doutrinador; ou seja, é aquele que, ao orientar o irmão necessitado de amor e compreensão, o ajuda e o socorre. A dúvida que, por vezes temos ao pensarmos nas figuras do dirigente e do Doutrinador/Dialogador, ocorre porque muitos dirigentes acumulam as duas funções;

²⁸ Atualmente, encontramos, na literatura espírita, outros nomes utilizados para designar o componente da equipe mediúnic responsável pela doutrinação. Além do termo tradicional “doutrinador”, temos dois outros como “dialogador” e “esclarecedor”.

²⁹ MIRANDA. *Diálogo com as Sombras*, p. 56.

³⁰ *Ibidem*, p.68.

³¹ *Ibidem*, p. 67.

³² SCHUBERT. *Obsessão/Desobsessão*, p. 139.

isto é, esclarecem os desencarnados e também dirigem a reunião, o que não representa uma posição equivocada.

Em sua obra *Esclarecendo os Desencarnados*, Humberto Ferreira ilustra essa questão, ao analisar a constituição da equipe de esclarecedores. Essa equipe é composta do “dirigente e de mais dois ou três elementos. A sua tarefa, como o próprio nome indica, é a de esclarecer os espíritos que se comunicam, com o objetivo de libertá-los da ignorância e dos sentimentos inferiores que os fazem sofrer”.³³

De qualquer modo, dirigindo e esclarecendo, ou apenas liderando as atividades mediúnicas, será oportuno trazer a seguinte a passagem:

A figura daquele que dirige é de muita importância para todo o grupo. Deve ser uma pessoa que conheça profundamente a Doutrina Espírita e, mais que isto, que viva os seus postulados, obtendo assim a autoridade moral imprescindível aos labores dessa ordem. Esta autoridade é fator primacial, pois uma reunião dirigida por quem não a possui será, evidentemente, ambiente propício aos Espíritos perturbadores. Diz-nos Kardec que a verdadeira superioridade é a moral e é esta que os Espíritos realmente respeitam. É ela que irá infundir nos integrantes da equipe a certeza de uma direção segura e equilibrada.³⁴

3.2 Formação do dirigente

3.2.1 Liderança

Para tratar a respeito da liderança do dirigente, é preciso trazer à baila a questão 625 de *O Livro dos Espíritos*. Nesta, temos a seguinte pergunta formulada por Kardec aos Espíritos: - Qual o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para lhe servir de guia e modelo? E os espíritos respondem: - “Jesus”. Ao comentar esta resposta, Kardec diz que a doutrina, ensinada pelo Mestre, é a expressão mais pura da lei do Senhor e que o Espírito Divino o animava. Por isso devemos tê-lo como orientador das nossas vidas e “imitá-lo” na condução dos trabalhos a que nos afeiçoamos. É indispensável que o dirigente de reunião mediúnica observe as suas responsabilidades e sempre se lembre que a Espiritualidade Superior espera a sua colaboração na obra do Cristo. É ele que preside toda a reunião no plano terrestre, por isso, sua atuação tem extrema importância para o bom e harmonioso desenrolar dos trabalhos.

No capítulo 11 de *Os Mensageiros*, André Luiz nos alerta para a importância do papel do dirigente de reunião mediúnica quando, através das palavras de Belarmino, recolhe ensinamentos sobre a missão do doutrinador:

A missão do doutrinador é muitíssimo grave para qualquer homem. Não é sem razão que se atribui a Nosso Senhor Jesus o título de Mestre. (...) concluí que, para atingirmos uma ressurreição gloriosa, não há, por enquanto, outro caminho além daquele palmilhado pelo Doutrinador Divino.³⁵

Belarmino, instalado no centro de mensageiros em “Nosso Lar”³⁶, havia retornado ao plano espiritual, como muitos outros médiuns e doutrinadores, na condição do tarefeiro que perdera valiosa oportunidade da própria redenção, diante dos compromissos do passado e da cooperação na obra do Cristo. Em vez de amparar os grupos mediúnicos

³³ FERREIRA. *Esclarecendo os Desencarnados*, p.17

³⁴ SCHUBERT. *Obsessão/Desobsessão*, p. 139.

³⁵ ANDRÉ LUIZ. *Os Mensageiros*, cap. 11, p. 63.

³⁶ Colônia espiritual situada nas esferas vizinhas da Terra fundada por portugueses distintos, desencarnados no Brasil, no século XVI. Cf. XAVIER, Francisco Cândido. *Nosso Lar*. Pelo Espírito André Luiz. 45ª ed. Brasília: FEB, 1996.

que dirigia, estimulando os médiuns ao serviço da mediunidade com Jesus, passou a exigir deles provas que pudessem satisfazer as pesquisas científicas, caindo, primeiramente, na dúvida e depois na descrença destruidora.

Assim sendo, o dirigente é o representante da direção existente na Espiritualidade, o pólo catalisador da confiança e da boa-vontade de todos. “Precisa ser, pois, alguém em quem o grupo confie, uma pessoa que represente para os encarnados a diretriz espiritual, aquela que, na realidade, sustenta e orienta tudo o que ocorre.”³⁷

Cabe ao dirigente saber mobilizar os elementos do grupo no que se refere à doação, participação ativa, estudo e respeito mútuo, porque todo trabalho de desobsessão deve ser realizado em equipe, correndo sérios riscos se alguém se dispuser a trabalhar por conta própria, como analisamos no item 2.2.

Hermínio C. Miranda descreve algumas qualidades na liderança do trabalho mediúnico. Ao resumi-las, aponta como critérios:

- ascendência natural sobre a equipe;
- respeitar as individualidades;
- enfrentar situações difíceis com equilíbrio, serenidade e segurança, buscando resolvê-las com imparcialidade, racionalidade e disciplina;
- ser tolerante e amigo;
- incentivar e estimular a participação de todos.

Ainda ressalta Miranda que não é fácil estar à frente de um grupo se não se é um líder, pois este deve assumir a posição de coordenador, de condutor. Como líder, é-lhe preciso, não obstante, muita atenção e vigilância desde a primeira hora. Por um lado, mesmo não podendo fugir de certa posição de liderança, como motivador, ou iniciador, “é necessário não nos esquecermos nunca de que tal condição não confere a ninguém poderes ditatoriais e arbitrários sobre o grupo. Por outro lado, o líder, ou dirigente, precisa dispor de certa dose de autoridade, exercida por consenso geral, para que haja disciplina e harmonização do grupo.”³⁸

3.2.2 Escolha do dirigente

Precisamos esclarecer que toda atividade no bem obedece a programa meticuloso do plano espiritual em favor da redenção humana. Os benfeitores espirituais preparam o trabalhador antes mesmo da própria reencarnação, investindo e organizando recursos para que ele tenha êxito no trabalho assumido perante as organizações superiores. É o que relata Tobias a André Luiz, quando visitavam o centro de messageiros no ministério da comunicação em Nosso Lar:

Preparam-se aqui numerosos companheiros para a difusão de esperanças e consolos, instruções e avisos, nos diversos setores da evolução. (...) Organizamos turmas compactas de aprendizes para a reencarnação. Médiuns e doutrinadores saem daqui às centenas, anualmente. Tarefeiros do conforto espiritual encaminham-se para os círculos carnis, em quantidade considerável, habilitados pelo nosso Centro de Messageiros.

(...)

Longas fileiras de médiuns e doutrinadores para o mundo carnal partem daqui, com as necessárias instruções, porque os benfeitores da Espiritualidade Superior, para intensificarem a redenção humana, precisam de renúncia e de

³⁷ SCHUBERT. *Obsessão / Desobsessão*, p. 139.

³⁸ Cf. MIRANDA. *Diálogo com as Sombras*, cap. 1.

altruísmo. Quando os mensageiros se esquecem do espírito missionário e da dedicação aos semelhantes, costumam transformar-se em instrumentos inúteis. Há médiuns e mediunidade, doutrinadores e doutrina, como existem a enxada e os trabalhadores. Pode a enxada ser excelente, mas, se falta espírito de serviço ao cultivador, o ganho da enxada será inevitavelmente a ferrugem. (...) São muito escassos os servidores que toleram dificuldades e reveses nas linhas de frente. Esmagadora percentagem permanece à distância do fogo forte. Trabalhadores sem conta recuam quando a tarefa abre oportunidades mais valiosas.³⁹

Entendemos, a partir destas anotações, que a escolha do dirigente está além das nossas concepções personalistas e preferenciais, obedecendo, em verdade, a rigoroso planejamento do plano superior. Tenhamos, dessa forma, percepção e cautela na indicação dos dirigentes de nossas atividades.

O instrutor Áulus examinava o papel do dirigente encarnado, quando apresentou a André Luiz um devotado grupo mediúnico. Para o instrutor, Raul Silva, o dirigente do núcleo, trabalhava com “sincera devoção à fraternidade”. Era correto no desempenho dos seus deveres e ardoroso na fé, conseguindo equilibrar o grupo na onda de compreensão e boa-vontade que lhe era característica. Por desincumbir a tarefa com amor, era “instrumento fiel dos benfeitores desencarnados, que lhe identificam na mente um espelho cristalino, retratando-lhes as instruções.”⁴⁰

Reverendo os casos de médiuns e dirigentes que falharam nos compromissos assumidos com a mediunidade antes da reencarnação, citados na obra *Os mensageiros*, reconheceremos que o trabalho no campo mediúnico representa a oportunidade de resgate dos débitos assumidos com a justiça divina em função do passado delituoso. Com relação a esse ponto, assim se expressa Emmanuel:

Os médiuns, em sua generalidade, não são missionários na acepção comum do termo; são almas que fracassaram desastrosamente, que contrariaram, sobremaneira, o curso das leis divinas, e que resgatam, sob o peso de severos compromissos e ilimitadas responsabilidades, o passado obscuro e delituoso. (...). Quase sempre, são espíritos que tombaram dos cumes sociais, pelos abusos do poder, da autoridade, da fortuna, da inteligência, e que regressam ao orbe terráqueo para se sacrificarem em favor de grande número de almas que desviaram das sendas luminosas da fé, da caridade e da virtude.⁴¹

Segundo as orientações de Hermínio C. Miranda, a escolha do dirigente precisa ser feita, levando-se em conta que, como líder, ele tenha ciência acerca dos cuidados, necessários à formação de um grupo. Além disso, ele “deve considerar se o grupo e cada um dos seus integrantes está disposto a enfrentar os sacrifícios e renúncias que o compromisso exigirá com responsabilidade e espírito de doação integral, sem condições e sem imposições.”⁴²

³⁹ ANDRÉ LUIZ. *Os Mensageiros*, cap. 3, p.22-23.

⁴⁰ *Idem*, *Nos Domínios da Mediunidade*, cap. 3, p. 29

⁴¹ EMMANUEL. *Emmanuel*, cap. 11, p. 66.

⁴² Cf. MIRANDA. *Diálogo com as Sombras*, cap. 1 e 2.

3.3 Critérios para a direção espírita

Ao escrever a Tito, Paulo assinala o caráter da “fiel palavra”, quando afirma:

Retendo firme a fiel palavra, que é conforme a doutrina, para que seja poderoso, tanto para admoestar com a sã doutrina, como para convencer os contradizentes. (Tito, 1:9).

Com relação ao adjetivo “fiel” usado por Paulo em sua epístola a Tito, assim define o dicionário Aurélio: “Que guarda fidelidade. Que cumpre aquilo a que se obriga. Que tem afeição constante. Exato, pontual. Constante, firme, perseverante”. O apóstolo dos gentios, advertindo de modo particular a todos aqueles que lidam nos campos da orientação pela palavra, sinaliza para a necessidade de mantermos a coerência no direcionamento das idéias. Nesse sentido, a orientação pela palavra deve estar resguardada por Jesus e por Kardec, para que as atividades de condução não fiquem impregnadas com o personalismo.

O espírito André Luiz reforça, nesse sentido, que o dirigente deve “fugir de julgar-se superior somente por estar na “cabine de comando”. Não é a posição que exalta o trabalhador, mas sim o comportamento moral com que se conduz dentro dela”.⁴³ É indispensável que o dirigente de reunião mediúnica observe as responsabilidades das quais está investido. Essas responsabilidades são analisadas na apostila *Mediunidade*⁴⁴, que apresenta os seguintes aspectos:

a) Digerir primeiramente as obras fundamentais do Espiritismo, para entrar em seguida nos setores práticos, em particular no que diga respeito à mediunidade.

Teoria meditada, ação segura. (Conduta Espírita – André Luiz – cap. 41).

b) No desenvolvimento das tarefas doutrinárias, colocar o fenômeno mediúnico em verdadeira posição de coadjuvante natural da convicção, considerando-o, porém, dispensável na constituição moral a que nos propomos.

A doutrina Espírita é luz inalterável. (Conduta Espírita – André Luiz – cap. 29)

c) Furtar-se de crer em privilégios e favores particulares para si, tão somente porque esse ou aquele mentor lhe haja dirigido a palavra pessoal de encorajamento e carinho.

Auxílio dilatado, compromisso mais amplo. (Conduta Espírita – André Luiz – cap. 25)

d) Abolir a prática da invocação nominal dessa ou daquela entidade, em razão do inconveniente e da desnecessidade de tal procedimento em nossos dias, buscando identificar os benfeitores e amigos espirituais pelos objetivos que demonstrem e pelos bens que espalhem.

O fruto dá notícia da árvore que o produz. (Conduta Espírita – André Luiz – cap. 25).

e) Tranqüilizar-se quanto aos sucessos porvindouros, analisando com lógica rigorosa todos os estudos referentes a predições.

A profecia real tem sinais divinos. (Conduta Espírita – André Luiz – cap. 40).

f) Por nenhuma razão elogiar o mediano pelos resultados obtidos através dele, lembrando-se que é sempre possível agradecer sem lisonjear.

Para nós, todo o bem puro e nobre procede de Jesus Cristo, nosso Mestre e Senhor. (Conduta Espírita – André Luiz – cap. 27)

g) Abster-se de buscar apoio dos Espíritos para revidar qualquer opinião irônica ou insultuosa que venha a atacar uma expressão de verdade no campo mediúnico.

⁴³ Cf. ANDRÉ LUIZ. *Conduta Espírita*, cap. 3.

⁴⁴ UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA. *Mediunidade*, Série Evangelho e Espiritismo, v. 6, item 5.5.

h) Descentralizar a atenção das manifestações fenomênicas havidas em reuniões de que participe, para deter-se no sentido moral dos fatos e das lições.

Na mediunidade, o fenômeno constitui o envoltório externo que reveste o fruto do ensinamento. (Conduta Espírita – André Luiz – cap. 29)

i) Ponderar e fazer compreender que o fenômeno mediúnicamente sem Doutrina Espírita não é Espiritismo. Furtar-se de incrementar o desenvolvimento de faculdades mediúnicas em crianças, nem lhes permitir a presença em atividades de assistência a desencarnados, ainda mesmo quando elas apresentem perturbações de origem mediúnica, circunstância essa que deve receber auxílio através da oração e do passe magnético.

Somente pouco a pouco, o Espírito se vai inteirando das realidades da encarnação. (Conduta Espírita – André Luiz – cap. 21)⁴⁵

Nessa direção, também recomenda André Luiz, não nos esquecermos de receber a visita dos companheiros menos esclarecidos, neles abraçando com sinceridade um irmão do caminho. Para atingir esse objetivo, prescreve o autor espiritual:

Não condene, nem se encolerize.

(...)

Não critique, nem fira.

Converse com precisão e carinho, substituindo as preciosas divagações e os longos discursos pelo sentimento de pura fraternidade.

(...)

Não se esqueça de que toda visita espiritual é muito importante.⁴⁶

Para que a equipe mediúnica obtenha êxito na tarefa, o dirigente deve respaldar-se no conhecimento da Doutrina Espírita e do Evangelho. Deve utilizar, de acordo com Hermínio Miranda, como ferramentas de trabalho, a fé, o amor, a paciência, a sensibilidade, o tato, a energia, a vigilância, a humildade, o destemor, a prudência.⁴⁷

Há um outro ponto importante a ser considerado: é se o dirigente de uma reunião mediúnica deverá ou poderá ter algum aspecto mediúnicamente. A esse respeito sabemos que esses “não devem ser médiuns de incorporação, pois não teriam condições de acumular as duas funções, além de sofrerem de modo direto a influência dos obsessores, o que obviamente prejudicaria a tarefa do esclarecimento”.⁴⁸ Na obra citada, a este questionamento feito para fortalecer a importância da vigilância do dirigente em todos os aspectos durante a reunião, Hermínio C. Miranda chega à conclusão que a mais desejável das mediunidades seria a da intuição. Por meio da intuição o esclarecedor, ao receber as inspirações do plano superior, poderia usar as palavras e os recursos inerentes a ele, em favor do manifestante. Miranda ressalta, nesse sentido, a importância do dirigente, relativamente ao manter-se lúcido e consciente durante todo o tempo do trabalho.⁴⁹

⁴⁵ UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA. Mediunidade, Série Evangelho e Espiritismo, v. 6, item 5.5.

⁴⁶ Cf. ANDRÉ LUIZ. *Instruções Psicofônicas*, cap. 46.

⁴⁷ MIRANDA. *Diálogo com as Sombras*, p.80.

⁴⁸ SCHUBERT. *Obsessão/Desobsessão*, p. 144.

⁴⁹ MIRANDA. *Diálogo com as Sombras*, p. 76.

3.4 Formação moral

André Luiz apresenta as qualidades morais que devem ser a meta diária de um dirigente espírita, não se esquecendo de que “ a Espiritualidade Superior espera encontrar nele o apoio fundamental da obra”⁵⁰. São elas:

- direção e discernimento.
- bondade e energia.
- autoridade fundamentada no exemplo.
- hábito de estudo e oração.
- dignidade e respeito para com todos.
- afeição sem privilégios.
- brandura e firmeza.
- sinceridade e entendimento.
- conversação construtiva.⁵¹

O mesmo autor faz importante observação sobre o esforço empreendido pelo dirigente na aquisição das virtudes. Ainda que não lhe sejam exigidas qualidades superiores à do homem comum, “o orientador da assistência aos desencarnados sofredores precisa compreender que as suas funções, diante dos médiuns e freqüentadores do grupo, são semelhantes às de um pai de família, no instituto doméstico.”⁵²

O dirigente apresenta, como todos os outros trabalhadores, dificuldades a superar. Por isso, não só ao dirigente como também aos médiuns, cabe o esforço em melhorarem-se, aprimorando arestas e corrigindo irregularidades morais. A humildade deve ser cultivada constantemente, e a sinceridade deverá ser o recurso avalizador das nossas ações. Acerca desse aspecto, Hermínio Miranda considera que nenhum de nós, encarnados, submetidos a lutas contra imperfeições milenares, “pode arrogar-se uma atitude de superioridade moral sobre os companheiros mais desarvorados das sombras. (...) O doutrinador é também um ser falível e consciente das suas imperfeições, mas isto não pode e nem deve inibi-lo para a tarefa.”⁵³

Desse modo, refletamos que, para o trabalhador devotado do Cristo, nunca faltará recurso de sustentação. Os Amigos Espirituais, quando encontram uma disposição íntima de melhoramento e serviço, procuram investir recursos que beneficiem o trabalho que realizamos e nos auxiliam na superação das dificuldades. É o que nos esclarece o instrutor Alexandre:

Em todo lugar onde haja merecimento nos que sofrem e boa vontade nos que auxiliam, podemos ministrar o benefício espiritual com relativa eficiência. Todos os enfermos podem procurar a saúde; todos os desviados, quando desejam, retornam ao equilíbrio. Se a prática do bem estivesse circunscrita aos Espíritos completamente bons, seria impossível a redenção humana. Qualquer cota de boa vontade e espírito de serviço recebe de nossa parte a melhor atenção. (...). Quando nos referimos às qualidades necessárias aos servidores desse campo de auxílio, a ninguém desejamos desencorajar, mas orientar as aspirações do trabalhador para que sua tarefa cresça em valores positivos e eternos.⁵⁴

Embora a orientação acima se direcione à tarefa de passes, acreditamos que ela seja útil para qualquer trabalhador no desempenho de sua função, principalmente

⁵⁰ Cf. ANDRÉ LUIZ. *Desobsessão*, cap. 13.

⁵¹ Cf. ANDRÉ LUIZ. *Desobsessão*, cap. 13.

⁵² Cf. ANDRÉ LUIZ. *Desobsessão*, cap. 13.

⁵³ MIRANDA. *Diálogo com as Sombras*, p. 69 e 70.

⁵⁴ ANDRÉ LUIZ. *Missionários da Luz*, cap. 19, p. 324.

para aqueles que estejam envolvidos com tarefas mediúnicas, pois o esclarecimento ressalta o valor de todo esforço no bem, o qual é sempre multiplicado pela misericórdia do amor que cobre a multidão dos pecados e pela justiça que dá a cada um segundo a suas obras.

No que tange a formação moral do dirigente, é importante ainda situar a orientação dada por André Luiz, ao destacar as seguintes posturas:

Ser atencioso, sereno e compreensivo no trato com os enfermos encarnados e desencarnados, aliando humildade e energia, tanto quanto respeito e disciplina na consecução das próprias tarefas.

Somente a forja do bom exemplo plasma a autoridade moral.

Observar rigorosamente o horário das sessões, com atenção e assiduidade, fugindo de realizar sessões mediúnicas inopinadamente, por simples curiosidade ou ainda para atender a solicitação sem objetivo justo.

Ordem mantida, rendimento avançado.

Em favor de si mesmo e dos corações que se lhe associam à experiência, não se deixar conduzir por excessiva credulidade no trabalho direcional, nem alimentar, igualmente, qualquer prevenção contra pessoas ou assuntos.

Quem se demora na margem, sofre atraso em caminho.

Interdizer a participação de portadores de mediunidade em desequilíbrio nas tarefas sistematizadas de assistência mediúnica, ajudando-os discretamente no reajuste.

Um doente-médium não pode ser um médium - sadio.

Colaborar para que não se criem situações constrangedoras para qualquer assistente, seja ele médium, enfermo ou acompanhante, procurando a paz em todas as circunstâncias.

O proveito de uma sessão é fruto da paz naqueles que a integram.

Impedir, sem alarde, a presença de pessoas alcoolizadas ou excessivamente agitadas nas assembléias doutrinárias, excetuando-se nas tarefas programadas para tais casos.

A caridade não dispensa a prudência.

Esclarecer com bondade quantos se apresentem sob exaltação religiosa ou com excessivo zelo pela própria Doutrina Espírita, à feição de fronteiriços do fanatismo.

O conselho fraterno existe como necessidade mútua.

Desaprovar o emprego de rituais, imagens ou símbolos de qualquer natureza nas sessões, assegurando a pureza e a simplicidade da prática do Espiritismo.

Mais vale um sentimento puro que centenas de manifestações exteriores.

(...)

Em qualquer atividade, a disciplina sedimenta o êxito.⁵⁵

3.5 Atribuições e responsabilidades

Disseram-lhe os discípulos: Aonde queres que vamos fazer os preparativos para comer a páscoa? (Marcos 14:12).

A pergunta direcionada ao Mestre nos remete à idéia do cuidado que devemos ter acerca de tudo relativo à nossa competência. Segundo o livro *Luz Imperecível*, o que se prepara e se trabalha com zelo e interesse, observando-se os mínimos aspectos, apresenta maior correspondência com as finalidades, tornando-se mais

perfeito. Na passagem destacada acima, os discípulos se posicionaram, de acordo com as ordens dadas; e se dispuseram ao trabalho, aos arranjos, para que tudo pudesse sair a contento.⁵⁶

⁵⁵ Cf. ANDRÉ LUIZ, *Conduta Espírita*, cap. 3.

⁵⁶ Cf. GRUPO ESPÍRITA EMMANUEL, *Luz Imperecível*, cap. 130, p. 364

Quanto às atribuições e às responsabilidades do dirigente, é de fundamental importância examinar a necessidade da incorporação dessa atitude sábia para melhor cumprimento dos deveres assumidos perante Jesus. A exemplo dos discípulos, devemos indagar a nós mesmos se estamos conscientes da tarefa que nos cabe, dentro do grupo ao qual nos associamos. Para atingir as propostas estabelecidas pelo plano espiritual, é necessário convencer-mo-nos de que “o trabalho e a realização pertencem a todos e que é imprescindível se movimente cada qual no serviço edificante que lhe compete.”⁵⁷

3.6 Afastamento ou ausência do dirigente

Por vezes o dirigente poderá se deparar com situações que impeçam a sua presença em determinados dias. Por este motivo, “para que não haja qualquer prejuízo na realização de uma reunião mediúnica é importante que o dirigente prepare um companheiro para auxiliá-lo e substituí-lo em seus impedimentos.”⁵⁸ Entretanto, será necessário guardar a vigilância e a oração, além do bom senso, no exame de cada situação, de modo a dar a cada uma o seu peso “justo”. Essa medida evitará que tais impedimentos se tornem constantes e injustificáveis, representando, muitas vezes, armações daqueles irmãos que desejam deter-nos a marcha ou fragilizar a equipe.

A respeito desse assunto, recomenda André Luiz que o dirigente, na posição de médium esclarecedor mais responsável, designe “dois a três companheiros, sob a orientação dele próprio, a fim de que se lhe façam assessores em serviço e o substitua nos impedimentos justificados.”⁵⁹

4 EVANGELHO E MEDIUNIDADE

Tu, porém, fala o que convém à sã doutrina. (Tito, 2:1)
 Não defraudando, antes mostrando toda a boa lealdade, para que em tudo sejam ornamento da doutrina de Deus, nosso Salvador. (Tito, 2:10)

Temos, no Evangelho, a maior demonstração oferecida por Jesus, quando Ele dialogava com entidades das mais diferentes condições evolutivas, proporcionando-nos ensinamentos práticos sobre como falar aos irmãos que às reuniões se apresentam, sejam eles Espíritos elevados ou sofredores.

Evidentemente não podemos esperar de alguém a conquista da perfeição moral para ajudar o irmão que sofre; mas o importante é estarmos atentos às nossas necessidades íntimas, buscando, através do esforço e do trabalho perseverante no bem, a renovação espiritual de que carecemos.⁶⁰ Sendo assim, as considerações aqui trazidas objetivam demonstrar, por meio do Evangelho, os procedimentos de Jesus, os quais nos possibilitam uma ilação com a postura do dirigente de reuniões mediúnicas.

Encontramos, na epístola de Paulo a Tito - capítulo 3, versículo 8 - alguns ensinamentos que podem orientar o dirigente de reuniões mediúnicas no desempenho de sua função. Afirma o apóstolo: “Fiel é a palavra e isto quero que deveras afirmes, para os que crêem em Deus procurem aplicar-se às obras ...” Do versículo transcrito,

⁵⁷ EMMANUEL. *Pão Nosso*, cap. 1, p. 14

⁵⁸ SCHUBERT. *Obsessão/ Desobsessão*, cap. 5, p. 140.

⁵⁹ Cf. ANDRÉ LUIZ. *Desobsessão*, cap. 13.

⁶⁰ Para melhor compreensão do estudo que relaciona Evangelho e mediunidade, as considerações apresentadas se baseiam na Apostila de Estudo Minucioso do Evangelho. Cf. UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA. Apostila de Estudo Minucioso do Evangelho, unidades I e II.

podemos depreender que a fidelidade ao Cristo deve estar presente em todas as palavras dos dirigentes de reuniões. Palavra fiel é a que exprime a verdade ensinada por Jesus. Entendemos, pois, que toda palavra, dita por um dirigente de reunião deve estar em perfeito acordo com os ensinamentos evangélicos a fim de que ele possa cumprir o seu compromisso.

Além da palavra fiel, existe um fator da maior importância para os dirigentes. Esse fator é a vivência das palavras pelo cultivo da fé e das obras condizentes com aquilo que eles dizem, já que “a fé, se não tiver obras, é morta em si”. Na realidade, nós acreditamos é no que fazemos porque se nossas ações não forem condizentes com o que falamos, nós não estaremos acreditando em nossas palavras, mesmo que sejam elas verdadeiras ou fiéis a Deus.

Deve, assim, o dirigente de uma reunião mediúnica estar voltado para a vivência evangélica em razão das palavras que dirige aos Espíritos sofredores. Caso contrário, elas não serão por eles ouvidas, pois lhes faltam a verdade e a fidelidade a Jesus. Isso se relaciona com a autoridade moral que é conferida a quem procura viver com dignidade e segundo os princípios do Evangelho. Jesus é o exemplo vivo da autoridade, como é possível verificar no final do Sermão da montanha, de acordo com o texto de Mateus, no capítulo 7, versículos 28 e 29: “Concluindo Jesus este discurso, a multidão se admirou da sua doutrina; porquanto os ensinava como tendo autoridade.”

Dessa maneira, torna-se necessário registrar a importância da autoridade moral para os dirigentes de reuniões mediúnicas, para que as suas palavras encontrem eco nos corações daqueles que os ouvem conforme disse Jesus, no capítulo 8, versículo 51 do Evangelho de João: “Em verdade, em verdade vos digo que se alguém guardar a minha palavra, nunca verá a morte.”. Ao guardar estas palavras do Mestre no coração e ao colocá-las em prática no dia a dia, estaremos com a consciência em paz, tendo a vida em abundância.

Ainda nessa linha de reflexão, gostaríamos de registrar alguns pontos que devem constituir motivo de atenção por parte dos que dirigem reuniões mediúnicas, ao tratarem diretamente com irmãos sofredores ou em desequilíbrio, necessitados, assim, de muito amor, a fim de que possam receber o auxílio.

No capítulo 23 do Evangelho de Mateus, em que Jesus censura os escribas e fariseus, encontramos, nos versículos 8 e 9, o seguinte registro:

Vós, porém, não queirais ser chamados Rabi, porque um só é o vosso Mestre, a saber, o Cristo, e todos vós sois irmãos.
E a ninguém na terra chameis vosso pai, porque um só é vosso Pai, o qual está nos céus.

Esses versículos nos remetem ao orgulho e à vaidade, presentes na intimidade do ser, desde o período primitivo de sua existência. Cabe ao dirigente de reunião estar atento à necessidade de vencer suas imperfeições morais que, muitas vezes, o impedem de realizar melhor o seu trabalho. Com relação ao orgulho, *O Livro dos Médiuns* registra: “Todas as imperfeições morais são outras tantas portas abertas ao acesso dos maus Espíritos. A que, porém, eles exploram com mais habilidade é o orgulho, porque é a que a criatura menos confessa a si mesma.”⁶¹

No versículo 8, do capítulo em estudo, a expressão “não queirais ser chamado de Rabi” apresenta-se de acordo com a época de Jesus mas pode perfeitamente adequar-se aos dias de hoje. A expressão significa que não devemos cultivar a vaidade e o orgulho existentes em nós, reconhecendo ser Jesus nosso Mestre e Senhor, conforme está registrado no capítulo 13, versículo 13, do Evangelho de João:

⁶¹ KARDEC. *O Livro dos Médiuns*, cap. XX, item 228.

“Vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque eu o sou.” Podemos deduzir que todos somos irmãos diante de Deus, não havendo razão, portanto, para nos considerarmos superiores a ninguém. Esse aspecto é um incentivo para que cultivemos a humildade em nossos corações.

Já no versículo 9, a expressão “vosso pai”, ao apresentar a palavra “pai” escrita com letra minúscula, relaciona-se com aquilo que elegemos como o ponto central dos nossos interesses pessoais, nem sempre cristãos. Quando, porém, nos voltamos a Deus através dos ensinamentos do Cristo, tornando-nos melhores, considerando-O como nosso Pai que está em toda parte, prevalece o bem, e o amor se faz presente.

Tais exemplos são demonstrações, presentes no Evangelho, para aqueles que se dedicam aos trabalhos de direção de reuniões mediúnicas, de modo a ensinar o crescimento dos dirigentes e a melhoria das reuniões nas quais atuam.

5 CONCLUSÃO

O presente trabalho objetivou examinar a função do dirigente de reuniões mediúnicas. Como alicerce de exame, analisamos o conceito e finalidade das reuniões mediúnicas, bem como sua formação, requisitos essenciais dos seus componentes, tipos e preparação para a sua realização.

Feitas as considerações gerais sobre a reunião mediúnica, passamos a analisar o papel do dirigente, sendo problematizados aspectos como conceito, formação, critérios para a direção espírita, atribuições e responsabilidades. Relativamente ao desempenho da função do dirigente, ressaltamos não só os fatores técnicos, mas também, e, sobretudo, os fatores de ordem moral que constituem base sólida para a execução da tarefa. Nesse sentido, destacamos a importância fundamental dos ensinamentos do Evangelho como roteiro seguro de administração, ressaltando-se aqui a necessidade da coerência e da adesão, em termos de fidelidade aos princípios demonstrados pelos exemplos educativos de Jesus; haja vista que, como assinala André Luiz, “a existência terrena, por si só, é uma sessão permanente”.⁶²

Tendo em vista o objetivo a ser alcançado, esperamos que a singela compilação em torno da tarefa do dirigente de reuniões mediúnicas possa contribuir para o esclarecimento das criaturas, de modo a ensejar o cumprimento do dever “como sendo a faixa de ação no bem que o Supremo Senhor nos traça à responsabilidade, para a sustentação da ordem e da evolução em Sua Obra Divina, no enalço de nosso próprio aperfeiçoamento.”⁶³

⁶² Cf. ANDRÉ LUIZ. *Os Mensageiros*, cap. 12.

⁶³ EMMANUEL. *Pensamento e Vida*, cap. 21, p.100.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ LUIZ (*Espírito*). *Nos Domínios da Mediunidade*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1985. 14ª ed.

_____. *Desobsessão*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Brasília: FEB, 1987. 9ª ed.

_____. *Conduta Espírita*. Psicografado por Waldo Vieira. Rio de Janeiro: FEB, 1987. 13ª ed.

_____. *Missionários da Luz*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Brasília: FEB, 1987. 20ª ed.

_____. *Os Mensageiros*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Brasília: FEB, 2003. 39ª ed.

Bíblia Sagrada. Rio de Janeiro. Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

EMMANUEL (*Espírito*). *O Consolador*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1982. 9ª ed.

_____. *Emmanuel*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1981. 9ª ed.

EMMANUEL (*Espírito*). *Paulo e Estevão*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1978. 14ª ed.

_____. *Fonte Viva*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 2001. 27ª ed.

_____. *Pão Nosso*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 2003. 23ª ed.

_____. *Caminho, Verdade e Vida*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 2003. 23ª ed.

Espíritos Diversos. *Instruções Psicofônicas*. Psicofonia de Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1995. 7ª ed.

FERREIRA. Aurélio Buarque de Hollanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. 1ª ed.

FERREIRA. Humberto. *Esclarecendo os Desencarnados*. Goiânia: FEEGO, 1999. 2ª ed.

João Cléofas (*Espírito*). *Intercâmbio Mediúnico*. Psicografado por Divaldo P. Franco. Salvador: Livraria Espírita Alvorada, 1988. 2ª ed.

GRUPO ESPÍRITA EMMANUEL. *Luz Imperecível* (coordenação de Honório Onofre de Abreu). Belo Horizonte: UEM, 1977. 1ª ed.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. Brasília: FEB, 1995. 76ª ed.

_____. *O Livro dos Médiuns*. Trad. Guillon Ribeiro. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1978. 39ª ed.

_____. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: FEB, 1982. 84ª ed.

MIRANDA, Hermínio C. *Diálogo com as Sombras; Teoria e Prática da Doutrinação*. Brasília: FEB, 1995. 9ª ed.

PEREIRA, Amaral Yvonne. *Recordações da Mediunidade* (obra mediúnica orientada pelo Espírito Adolfo Bezerra de Menezes). Rio de Janeiro: FEB, 1987. 5ª ed.

_____. *Memórias de um Suicida*. Rio de Janeiro: FEB, 1987. 14ª ed.

SCHUBERT, Caldas Suely. *Obsessão/Desobsessão*. Brasília: FEB, 1995. 10ª ed. Espiritismo.

UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA. MEDIUNIDADE. Série Evangelho e Espiritismo, v. 6. Belo Horizonte, 1983.

UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA. Apostila de Estudo Minucioso do Evangelho, unidades I – II. Belo Horizonte, 2002.